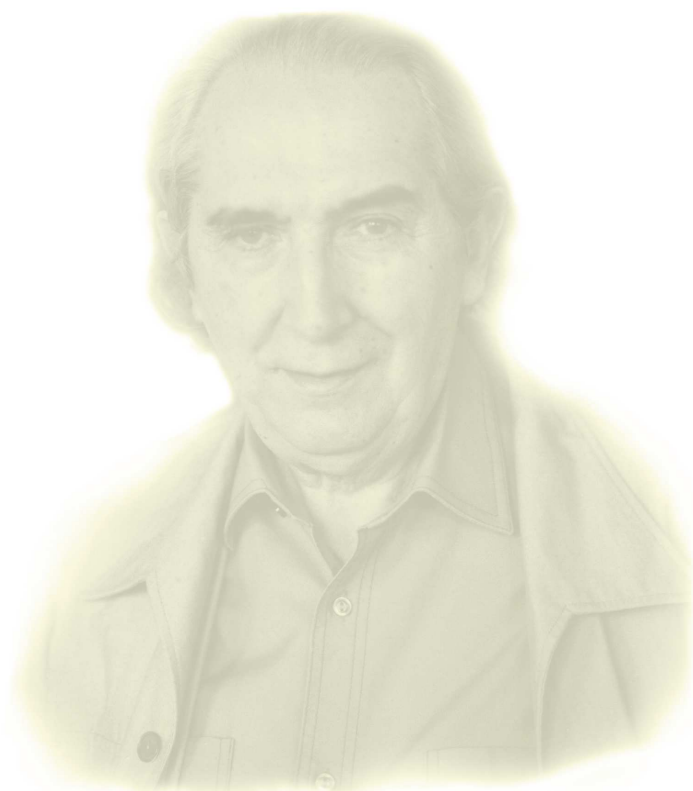


*DOCUMENTO*

*A defesa da URSS na  
guerra atual*



## **A DEFESA DA URSS NA GUERRA ATUAL**

### **RESUMO**

O autor discute a posição dos trotskistas sobre a 2ª Guerra Mundial e qual caracterização deveriam dar à União Soviética, em função da nova situação mundial.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Estado operário degenerado; 2ª Guerra Mundial; 4ª Internacional

A súbita reversão da situação internacional (pacto Hitler-Stalin, guerra anglo-franco-alemã, novo reagrupamento interimperialista etc.<sup>3</sup>) obriga-nos a reexaminar nossas posições acerca da questão do caráter e, particularmente, do papel que a URSS desempenha nesta guerra.

A tarefa mais urgente da 4ª Internacional<sup>4</sup>, neste momento, consiste em esclarecer a consciência dos operários de todo o

---

<sup>1</sup> Mário Xavier de Andrade Pedrosa (1900-1981). Jornalista e crítico de arte. Entrou para o Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1926. No ano seguinte foi enviado para a Escola Leninista de Moscou. Ao saber da expulsão de Trotsky do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), antes de entrar na URSS, aderiu à Oposição de Esquerda, cujas idéias já conhecia no Brasil. Retornou em 1929, quando fundou a Oposição no Brasil. Um dos principais dirigentes do trotskismo no Brasil, Pedrosa participou da conferência de fundação da 4ª Internacional, na França, em setembro de 1938, sendo eleito para o seu Comitê Executivo Internacional. Com os prenúncios da 2ª Guerra transfere-se com seus companheiros de direção para Nova York, onde se inicia seu processo de ruptura com a 4ª Internacional, que se concretiza em 1940. A principal razão foi a caracterização da União Soviética como estado operário, discutida por Pedrosa neste texto. As notas a este texto são do editor, exceto quando houver indicação em contrário.

<sup>2</sup> Publicado originalmente pelo Socialist Workers Party, no *Internal Bulletin*, Mário Pedrosa assinou este texto com o pseudônimo Lebrun. O original vinha antecedido da seguinte nota: *Este artigo foi escrito antes da invasão stalinista da Finlândia. Devido a dificuldades técnicas houve atraso em sua publicação.* Cf. LEBRUN. The defense of the U.S.S.R. in the present war. *Internal Bulletin* (issued by the Socialist Workers Party), New York, v. 2, n. 10, p. 1A-17A, feb. 1940. Tradução de Fulvio Abramo. (Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, Re 750.)

<sup>3</sup> Em 23 de agosto de 1939 a Alemanha e a URSS assinaram, em Moscou, um pacto de não-agressão e um protocolo secreto que previa a divisão da Polônia e dos países bálticos entre ambos os signatários. No dia 1º de setembro o exército alemão invadiu a Polônia e no dia 8 a França e a Inglaterra se declararam em guerra contra a Alemanha, iniciando-se, desse modo, a 2ª Guerra Mundial.

<sup>4</sup> Em 3 de setembro de 1938, nos arredores de Paris, realizou-se a Conferência de Fundação da 4ª Internacional. A Conferência contou com a presença de representantes da Alemanha, Bélgica, Brasil (Mário Pedrosa), Estados Unidos, França, Grécia, Holanda, Inglaterra, Itália e URSS, além de alguns

mundo, abismada pelo fato de que Stalin caiu, de repente (segundo lhes parece), nos braços de Hitler, símbolo da contra-revolução. Este choque na consciência das massas refletiu-se, também, como era natural, em nossas fileiras. Era, pois, apenas normal que, sob a pressão das bases, os camaradas responsáveis tenham reclamado um novo reexame do papel da União Soviética na atual fase da segunda grande guerra imperialista mundial.

Recusar-se à discussão sob o pretexto de que não há nada de novo, de que não devemos nos deixar impressionar pelos acontecimentos, de que estaríamos cedendo à pressão da opinião pública burguesa, de que devemos permanecer inabalavelmente surdos às perplexidades que ocorrem na consciência das massas, de que não se deve dirigir um olhar crítico ou inquiridor sobre alguns pontos de nosso programa, os quais exatamente neste momento, estão sendo submetidos à prova dos acontecimentos — isso não é firmeza bolchevique; antes, trata-se de cegueira sectária ou teimosia burocrática.

A discussão que se abriu em nosso partido norte-americano<sup>5</sup> era, portanto, não somente necessária, como inevitável. Seguindo o exemplo do partido norte-americano, o Comitê Executivo Internacional decidiu abrir a discussão no seio da Internacional. Esta decisão vai ao encontro dos desejos de nossas seções e grupo nacionais. O regime da Internacional, e — assim espero — também

---

delegados com mandatos do Canadá, Espanha, México e Tchecoslováquia. No Comitê Executivo Internacional (CEI) eleito durante a Conferência, Mário Pedrosa foi designado responsável pela América Latina.

<sup>5</sup> Após a assinatura do pacto germano-soviético, alguns membros do Socialist Workers Party (SWP), seção norte-americana da 4ª Internacional, exigiram uma discussão com o objetivo de rever a caracterização de *Estado operário degenerado* dada à URSS pelos trotskistas. Logo a discussão foi conduzida à revisão da concepção de "bolchevismo". Trotsky interveio pessoalmente no debate para evitar que a cisão que aí já se prenunciava não tivesse grandes dimensões. A crise também atingiu o CEI, sediado em Nova York, cuja maioria posicionou-se ao lado dos que questionavam a caracterização da URSS, entre eles Mário Pedrosa. Em abril de 1940, como resultado dessa polêmica, surgiu o Workers Party of United States (WPUS), composto por aqueles que divergiam da caracterização da URSS como *Estado operário degenerado*, abrangendo cerca de um terço dos militantes do SWP. Com respeito à abertura da discussão na 4ª Internacional, Trotsky contestou a afirmativa, dizendo que nunca recebera qualquer informação ou documento a respeito.

de nosso partido norte-americano, é suficientemente sadio para permitir tal discussão. Esta só pode ter efeito salutar em nossas próprias fileiras no sentido de que virá a esclarecer dúvidas legítimas a respeito desta controvertida questão e, em consequência, estreitá-las, reafirmando nossa solidariedade internacional e preparando o caminho para uma ação efetiva, homogênea e disciplinada de nosso partido em escala mundial. Desse modo será preservada a unidade de nossas fileiras, a unidade na base do centralismo democrático, a unidade na base de nosso programa de transição<sup>6</sup>, a unidade dos bolcheviques-leninistas na ação revolucionária.

1. Para todos nós a defesa da URSS<sup>7</sup> significa a defesa da nacionalização dos meios de produção e da economia planificada. Isto significa que continuamos a defender a URSS na medida em que estas instituições subsistirem aos efeitos desagregadores e aceleradores da guerra e à nova política que a burocracia acaba de adotar. O problema da defesa reduz-se, portanto, a isto: em que medida essas instituições poderão resistir à pressão da guerra? Em que medida poderemos confiar na burocracia para a defesa dessas instituições nesta situação de guerra? A resposta a estas questões não é simples. Para responder a tempo, devemos acompanhar tanto mais cuidadosamente, no dia a dia, a marcha, às vezes difícil de ser entendida, dos processos contraditórios que se desenvolvem na base econômica da sociedade soviética. É perigoso, de nossa parte, ficarmos hipnotizados, à espera de um acontecimento qualquer, que jogasse, de golpe, um jato eneguededor de luz sobre a situação e encerrasse o velho debate, dispensando-nos de analisá-lo, avaliá-lo e decidir por nós mesmos. É possível, é provável que tal ato simbólico venha, finalmente, a eclodir no cenário, como coroação superficial e retardada de uma realidade já existente há muito tempo. Em todo o caso, a

---

<sup>6</sup> De autoria de Trotsky *A agonia do Capitalismo e as Tarefas da IV Internacional* foi o texto programático aprovado na Conferência de Fundação da 4ª Internacional e ficou conhecido nas fileiras trotskistas como Programa de Transição.

<sup>7</sup> Extinta em 1990 a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ou simplesmente União Soviética, é também denominada neste texto pelo autor como "Rússia" e "Rússia Soviética".

experiência já nos mostrou que a marcha da contra-revolução na Rússia não é tão rica em símbolos e tão acelerada quanto o foi na Revolução Francesa. É bastante comparar o Termidor russo com o Termidor francês, o advento do bonapartismo na França e na Rússia. A contra-revolução se desenvolve lentamente, numa escala de tempo muito mais longa. Em todo o caso, já se trata de um fato estabelecido, em nossas fileiras, a admissão da possibilidade da reintrodução, com a guerra, da contra-revolução econômica, do capitalismo pela via seca. A burocracia prepara conscientemente este caminho.

Eis porque não acredito ser prova de realismo vigoroso, à moda de Lenin, pretender trancar questão tão complexa, em via de solução tão alheia a nós, pela força do silogismo lógico: a Rússia é, ainda, um *Estado operário degenerado*, portanto é dever defendê-lo incondicionalmente, não importa onde, quando e como.

Há companheiros que desejam amedrontar-nos com o tom ultimata de sua questão: a URSS é ou não é um *Estado operário degenerado*? Ao ultimatismo poderíamos responder: Sim, mas é precisamente sua profunda degenerescência que torna a sua defesa condicional. Devemos situá-la num certo quadro de referências fazendo depender da conjuntura política, de certas considerações políticas do momento. Por quê? Porque essa crescente degenerescência pode nos colocar ante um difícil dilema: *defender a URSS ou sacrificar a revolução em outro país*?

Nossas teses sobre a guerra e a URSS, nossos documentos oficiais, os escritos de Trotsky nos ensinaram ser a guerra a situação mais perigosa para os destinos da URSS, não somente sob o aspecto de uma invasão militar como, sobretudo, no de um rompimento, por dentro, da estrutura coletivizada da economia. É precisamente ante esta situação que nos encontramos atualmente. A Rússia já se encontra em estado virtual de guerra. Seus exércitos não estão combatendo ou não mais combatem atualmente, mas no Oeste, tampouco os exércitos beligerantes estão combatendo. Em todo o caso, o que importa agora é que as expectativas contam-se por meses e dias, não mais por anos e meses.

Eis porque se torna tão difícil satisfazer-nos com a repetição da velha fórmula da defesa incondicional da URSS, ainda que se lhe acrescentem as palavras “contra um ataque imperialista” (fórmula da maioria da direção do partido norte-americano). Interpretada “devidamente”, ela se presta a todos os gostos. É preciso saber o que se entende por “um ataque imperialista”: o

ataque às fronteiras soviéticas de um ou mais exércitos capitalistas coligados? Ou, antes, como sempre o entendemos, qualquer guerra, isolada ou mista, em que a URSS estivesse engajada? Em sua pretensa clareza a fórmula é bastante equivocada.

2. Em todo o caso, a prática evidenciou a sua insuficiência. Quando da invasão da Polônia pelo Exército Vermelho<sup>8</sup>, em aliança com as tropas nazistas, a vanguarda revolucionária de todo o mundo, e principalmente nossos companheiros poloneses, *encontram-se em face de uma situação nova, não prevista pela fórmula defensiva*: que atitude tomar ante o Exército Vermelho invasor? Defendê-lo, combater a seu lado contra o exército burguês, ser os melhores soldados da Rússia Soviética, ou assumir uma atitude derrotista e apelar para os soldados dos dois campos para se revoltarem contra seus patrões, confraternizando-se com o povo por uma revolução soviética na Polônia burguesa derrotada?

A prova foi dada: sob a pressão de um acontecimento imprevisto, como o da invasão do Exército Vermelho, não incluído na fórmula defensiva, a direção da seção norte-americana não pôde dar resposta, nem clara nem imediata, nem unânime nem majoritária, nem falsa nem justa à questão candente que se nos colocava brutalmente à frente.

Por quê? Porque a grande maioria dos membros da direção do partido viu-se encerrada na dolorosa alternativa de condenar a invasão, abandonando a palavra de ordem da defesa incondicional ou mantê-la e aprovar a invasão. Sobre essa questão particular, a grande maioria dos camaradas dirigentes não pôde manifestar senão vacilações entre as duas colocações opostas: defensiva ou derrotista. A resolução Kelvin, condenando a invasão da Polônia pelo Exército Vermelho como participação em uma guerra de conquista imperialista, recebeu apenas três votos; em compensação, a proposta verdadeiramente corajosa de Morris, convidando o Partido a aprovar a invasão de Stalin, não recebeu senão seu próprio voto, se não se considerar como aprovação tímida uma abstenção.<sup>9</sup> A resolução que obteve a maioria dos votos

---

<sup>8</sup> No dia 17 de setembro de 1939 as tropas soviéticas invadiram a Polônia.

<sup>9</sup> Kelvin era o pseudônimo de James Burham (1905-1987), professor de filosofia na Universidade de Colúmbia e discípulo do filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952). A partir desse momento tornou-se um dos principais dirigentes

evitava prudentemente responder à questão: sua redação foi tão prudente que não teve sequer a ousadia de falar em *invasão*, preferindo uma longa paráfrase tal como *a participação da Rússia na guerra da Polônia*.

Este é um fato e é preciso que tiremos a lição da experiência para não esbarrar mais de novo em outras surpresas desagradáveis que a guerra pode nos trazer.

3. Estes fatos desagradáveis indicam que temos de colocar novamente o problema da defesa da URSS sob a luz da nova situação internacional criada de fato ou em potência pela guerra e pela aliança Hitler-Stalin.

Até esse momento sempre consideramos a tarefa da defesa como sendo independente da conjuntura política internacional. Ainda que denunciando a política reacionária de Stalin, sempre diferenciamos a política externa soviética da política das potências imperialistas. Sempre reconhecemos ao governo soviético o direito de manobrar entre os blocos imperialistas, pois essa necessidade de manobras era ditada não para um objetivo de conquistas, mas pela necessidade de defesa do Estado operário isolado num círculo hostil. A política litvinoviana<sup>10</sup> de blocos com “imperialismos democráticos”, de defesa do *statu quo* de Versalhes, por reacionária que fosse, por limitada que fosse, justificava-se, aos olhos das massas mistificadas pelo COMINTERN, como necessária para evitar o ataque combinado da Alemanha e do Japão. Para enobrecer o bloco anglo-franco-russo, a IC<sup>11</sup> ergueu o estandarte do antifascismo.

---

da minoria do Socialist Workers Party, com o qual cindiu e que deu origem ao Workers Party. Morris era o pseudônimo de Morris Stein (1903-1998) também conhecido como Morris Lewit.

<sup>10</sup> Litvinov era o pseudônimo de Maksim Wallach (1876-1951). Membro do partido russo desde 1898, partidário de Lenin, representou os bolcheviques em Londres, onde viveu antes da 1ª Guerra. Voltou a Moscou após a Revolução Russa, atuou na diplomacia do novo governo. Comissário de Relações Exteriores da URSS de 1930 a 1939, era identificado no Ocidente como vinculado à política tida como de aliança com as chamadas democracias.

<sup>11</sup> A 3ª Internacional ou Internacional Comunista ou Comintern (acrônimo do russo *Kommunisticheskiĭ Internatsional*) existiu de 1919 a 1943, com o propósito de ser o *partido da revolução mundial* e ser, em oposição à Internacional Socialista que apoiara a política de guerra que resultara na



Para manter o bloco “antifascista” Stalin cometeu contra o proletariado mundial todos os crimes imagináveis. Mas, em face dos desígnios imediatos dos imperialismos alemão e japonês esta política exterior de aliança com a França e seus aliados era ditada por uma terrível necessidade (a questão de saber quem forçou a Rússia a essa necessidade não mudaria a necessidade). Da parte da URSS, a participação nesse jogo diplomático era desprovida de qualquer objetivo de conquista, de rapina, de disputa de botim, de opressão nacional. Seu papel nessa guerra era parcialmente progressista, pois se tratava, no fundo, da defesa da propriedade estatizada. (É possível que no caso de uma guerra vitoriosa, o apetite conquistador aparecesse. Mas essa é outra questão.) Tangida para uma guerra interimperialista por forças irresistíveis, não dispondo de nenhuma estratosfera onde se refugiar, a URSS lutava realmente por sua existência. O caráter defensivo real dessa guerra, nas condições dadas, ainda que ela tivesse somente respondido ao primeiro tiro de Hitler, ainda que ela própria atirasse em primeiro lugar, não poderia ser contestado. Não pretende levar ela mesma uma guerra imperialista, não podendo sequer fazer uma guerra revolucionária, isto é, uma guerra agressiva de libertação, a guerra da URSS não seria senão uma guerra de legítima defesa, no gênero de uma guerra de um país oprimido contra o opressor imperialista.

Toda a política de 4ª Internacional em relação à defesa da URSS stalinizada fundava-se no papel progressista e no caráter forçadamente defensivo da guerra do Estado soviético. Toda possibilidade de uma guerra revolucionária de libertação por parte de Stalin estando excluída, as duas alternativas restantes para a participação da URSS numa guerra — uma guerra isolada contra um ou mais países capitalistas, ou uma guerra mista, para a qual a URSS tivesse sido arrastada, desde o primeiro dia, sendo na qualidade de um dos bocados mais disputados pelos bandidos imperialistas rivais — teriam o mesmo caráter de legítima defesa. Tratava-se de defender seu sistema social de propriedade ameaçado pelos imperialismos. Mas, hoje, a contradição decisiva não é, pelo menos na atual conjuntura da política internacional,

---

1ª Guerra Mundial, um centro que pudesse coordenar o processo revolucionário internacional. O autor faz uso dessas várias denominações neste texto.

entre a natureza da URSS e o mundo capitalista, mas a que resulta das próprias rivalidades imperialistas.

A objeção que se pudesse fazer, ou seja, uma diferença de princípios entre os imperialismos “democráticos” e os fascistas não se sustentaria. Ninguém põe em dúvida o direito, tão legítimo num como noutro caso, de a URSS fazer um bloco militar com qualquer bandido imperialista, chame-se Inglaterra ou Alemanha, Estados Unidos ou Japão, França ou Itália. Não se trata de impor uma condição a Stalin: Se você fizer um bloco militar com um país fascista, nós não defenderemos mais a Rússia.

Trata-se, porém, de outra coisa: trata-se de uma pequena distinção prática não desprovida de importância. *Qual é o caráter da guerra que Stalin conduziu, e que agora se prepara a recomençar, neste momento, ao lado de Hitler? Quem força Stalin a declarar a guerra? Que papel Stalin desempenha nesta guerra?*

Uma coisa pode-se afirmar desde logo. É que a pequena guerra levada por Stalin até agora, na Polónia e nos países bálticos é *de um caráter completamente novo*. O papel da URSS está inteiramente modificado. *Esta guerra não estava prevista em nosso esquema anterior. Esse é o ponto decisivo.*

4. Se não levarmos em conta as mudanças de política operadas pelos altos escalões da burocracia, não se pode compreender o caráter *novo* da guerra levada ou que será levada por Stalin. Em todo caso, se a separarmos do conjunto da nova política da “clique” dirigente não se poderá lobrigar nela nada mais que simples medidas militares de defesa, tomadas repentinamente em vista de circunstâncias excepcionalmente favoráveis que se apresentaram. Essa é a posição dos Browder<sup>12</sup> & Cia.; essa foi a atitude irreprochavelmente lógica do camarada Morris. Ainda que insistam tratar-se de medidas de defesa, alguns camaradas da maioria acrescentam, para não serem confundidos com os stalinistas, que tudo não passa de uma manobra da burocracia para manter-se no poder. Quer se trate de manobra ou não, é inquestionável que, com ela, a burocracia melhorou

---

<sup>12</sup> Earl Russell Browder (1891-1973). Em 1930, depois do afastamento dos chamados *direitistas* de Jay Lovestone (1897-1990), Browder tornou-se o chefe indiscutido do Partido Comunista norte-americano até 1945 e, sem dúvida, o representante da Internacional Comunista no continente americano.

consideravelmente as defesas militares da URSS a oeste. Os burocratas no poder têm a obrigação de prover a defesa da URSS. Cabe a eles decidir, no momento, pelo menos (esperamos) quais são as melhores posições de defesa do país, que medidas devem ser tomadas para esse objetivo; nós nada temos a fazer senão aplicá-las, sustentá-las na ação prática, guardando plena independência de crítica e nos reservando o direito à ação independente, amanhã, se ganharmos a confiança das massas.

Sentindo a ponta da baioneta de Hitler se aproximar cada vez mais do coração da Rússia, Stalin acabou por capitular, desviando-a para outra direção. Os dois adversários irreconciliáveis, em lugar de engajarem-se numa luta de morte, como todo o mundo esperava, surgiram de braços dados. Que aconteceu? Qual foi o preço de uma reviravolta tão brusca? Quem pagará o custo dos entendimentos? Para que esse acordo possa durar só pode ser dirigido contra o império britânico. Não se sentindo suficientemente forte para levar a cabo sozinho essa tarefa gigantesca, Hitler garantiu-se com a cumplicidade de Stalin. O acordo com Stalin não poderia ser feito senão contra um terceiro. Nas circunstâncias dadas, esse terceiro não poderia deixar de ser senão aquele que, entre todos os rivais, parecia ser ao mesmo tempo o inimigo principal e o mais vulnerável.

O que não permitiu até agora um desenvolvimento mais claro desse pacto antibritânico foi a contramanobra inglesa. Ao obrigar Stalin a aliar-se com ele, Hitler esperava que a Inglaterra considerasse a ação da Rússia contra a Polônia e os países bálticos como atos de guerra contra os Aliados. Segundo os cálculos de Hitler, o resultado seria a paz imediata ou a guerra com a Rússia também. Mas, contrariamente às esperanças de Hitler, Chamberlain<sup>13</sup> não se deixou ludibriar. Chamberlain agiu como se estivesse dizendo

---

<sup>13</sup> Arthur Neville Chamberlain (1869-1940). Integrante do Partido Conservador. Membro de uma famosa família de industriais de Birmingham. Foi secretário do Tesouro britânico de 1931 a 1937, dando um importante impulso na reorganização e modernização da economia britânica após a crise de 1929. Primeiro-ministro em maio de 1937, desenvolveu uma política externa no sentido de manter a paz na Europa à custa de sistemáticas concessões aos nazistas e assinou os acordos de Munique (setembro de 1938). Com a invasão da Polônia, em setembro de 1939, declarou guerra à Alemanha. Em maio de 1940 foi substituído no cargo por Winston Churchill.

a si mesmo: “É inútil, não deixarei que me provoques”, apressando-se em abandonar a Polônia, mandando ao diabo os seus compromissos e aceitando a conquista de Stalin como um caso perdido. No momento, ao menos, ele procura a paz e não a guerra com a Rússia soviética. (Quando muito, ele tece intrigas a acaricia a idéia de ver um dia os generais do Reich derrubarem Hitler e romper o pacto com Stalin.)

5. A destruição do império britânico é uma das tarefas mais progressistas da humanidade. Sua queda constituirá a abertura grandiosa da revolução nacional de centenas de milhões de escravos coloniais. É precisamente a herança deles que se joga nesta guerra. Ante a falência de seu velho plano de ter mãos livres a leste, na Europa, como o campo natural de expansão de seu império, Hitler não teve outra escolha senão ressuscitar o velho plano imperialista da Alemanha do Kaiser. Mas, por outros meios: um retorno à política bismarquiana de aliança com a Rússia, reforçada pela propaganda e a demagogia “antiimperialista” ultramodernas. Nesse objetivo, a linguagem de Moscou se mescla cada vez mais à de Berlim. Molotov<sup>14</sup>, desde já, substitui o “antifascismo” pelo “antiimperialismo”.

Estamos apenas no começo da guerra, mas o império britânico já se esfacela por todos os lados. Pouco a pouco, lenta, mas inexoravelmente, os povos da Índia se perfilam no caminho da revolta. Sob a pressão das massas e de circunstâncias históricas excepcionais, seus líderes mais apodrecidos e velhacos estão obrigados a dar passos imprudentes. A demagogia staliniana confundida com a do hitlerismo, se intromete no conflito. Logo, as contradições, como formidáveis explosivos, levarão tudo para os ares; os acontecimentos transpõem as cabeças dos líderes hesitantes. Esta será a hora de pagar as velhas contas seculares. Mas... as mais grandiosas perspectivas históricas podem

---

<sup>14</sup> Molotov era o pseudônimo de Viatcheslav M. Skriabine (1890-1986). Velho bolchevique, ligado a Stalin, de quem era o principal lugar-tenente. Membro do Politburo, ministro das relações exteriores e presidente do Conselho dos Comissários do Povo. Assumiu a direção da Internacional Comunista entre Nikolai Bukharin e Georgi Dimitrov, o qual supervisionou. Observadores ocidentais o associavam à política considerada pró-germânica de Stalin.

transformar-se nas mais sombrias conseqüências históricas. Os sinistros avanços de Hitler e Stalin contra os povos coloniais, oprimidos pelos ingleses e franceses, com o objetivo de conquistar a sua confiança, tocam uma nota lúgubre para o futuro da revolução colonial. O pacto Hitler-Stalin é o maior perigo para as tremendas perspectivas revolucionárias que começam a se abrir na Ásia. O papel reacionário de Stalin na Espanha será brinquedo de criança em relação ao que ele desempenhará na Índia, em cooperação com o nazismo.

Toda guerra staliniana ao lado de Hitler, sob a bandeira da luta contra o imperialismo anglo-francês, será apenas uma empresa sinistra destinada a paralisar a revolta das massas e a esmagar a revolução no nascedouro. Para a gangue Hitler-Stalin será apenas questão de substituir os antigos patrões por novos, ainda mais ávidos e brutais.

Apoiar a Rússia nessa empresa, sob o pretexto de defender a economia soviética contra os canhões ingleses e franceses, será sacrificar os interesses da revolução colonial aos interesses das camadas superiores da burocracia, aliadas aos magnatas do 3º Reich. Ante a necessidade de escolher a defesa da URSS e sustentar e aprofundar a revolta dos povos coloniais, nós optamos sem hesitação por esta, porque a vitória da revolução colonial tornará nulos os efeitos de uma derrota militar eventual numa frente qualquer do Exército Vermelho, mesmo nas fronteiras ou no próprio território da URSS. A recíproca, entretanto, não é verdadeira. Permitir que Stalin-Hitler se apropriem, com nossa ajuda, da revolução que surge entre os povos coloniais — e nossa política de apoio dos exércitos russos em tal guerra, sejam quais forem os seus inimigos, seria na prática ajudar Hitler-Stalin — determinaria o fim de quaisquer perspectivas revolucionárias por décadas. Temos de ficar alertas, desde agora, para tal eventualidade.

6. Isto já não é *mera* especulação. Já vimos, na primeira fase desta guerra, o exército russo em ação, a serviço do autocrata do Kremlin.

Contudo, esta pequena guerra que a Rússia está por declarar sob as vistas cúmplices de Hitler, não passa de uma tomada de posição preparatória para outros empenhos mais sérios. Deixando o Báltico para Stalin, Hitler quer dar uma prova de sua fidelidade de bandido. Deixando Stalin prosseguir, Hitler espera vê-lo engajado cada vez mais em seus próprios passos e

comprometido aos olhos das massas no interior e no exterior da URSS. Hitler espera que o compadre ponha ordem na sua casa do Norte da Europa, para empurrá-lo aos Bálcãs, à porta da Ásia.

Atualmente, a tarefa mais imediata de Stalin é acabar com a Finlândia.<sup>15</sup> Aqui não se trata apenas de uma simples questão de assegurar para si bases militares e navais, no ponto mais vulnerável de suas fronteiras européias, como se poderia supor no caso dos países bálticos. Aqui as cobiças stalinistas aparecem apenas ligeiramente veladas por um conteúdo estratégico puramente militar. Trata-se de coisa mais substancial para a insaciável burocracia...

Se o governo finlandês não acredita possível submeter-se às pretensões do mais forte, é possível que o exército soviético, sob as ordens do ditador vermelho, invada o solo finlandês. Teremos aqui a mesma situação existente na Polônia. A 4ª Internacional será novamente posta ante o dilema de condenar ou apoiar o Exército Vermelho em sua expedição contra a Finlândia. Que nome se daria a essa guerra? Ninguém, acredito, ousará afirmar que Stalin está prestes a libertar a Finlândia ou está indo lá para apoiar a montante revolução proletária. Ninguém seria capaz de dizer, tampouco, que, na atual conjuntura, a Rússia se defende de um ataque imperialista. Essa seria apenas uma guerra de banditismo de uma grande potência contra um pequeno país. Será, portanto, uma guerra de caráter extremamente reacionário contra um pequeno país.

Já vimos as conseqüências da entrada do Exército Vermelho na Polônia. O resultado mais brilhante dessa expedição

---

<sup>15</sup> Buscando ampliar suas fronteiras sob a alegação de uma suposta questão de segurança, a URSS propôs à Finlândia que suas fronteiras fossem ampliadas algumas dezenas de quilômetros além das então vigentes, que estavam a cerca de 30 quilômetros de Leningrado. Stalin também pleiteou uma base naval para o controle do golfo da Finlândia. Em contrapartida, a URSS ofereceu um pedaço de suas terras mais ao norte. Alegando um pretexto, a URSS denunciou o pacto de não-agressão entre os dois países e invadiu a Finlândia no dia 30 de setembro de 1939. No dia 2 de outubro foi anunciada a criação do Governo Popular Democrática Finlandesa, presidido pelo comunista Otto Wilhelm Kuusinen (1881-1964). Diante da resistência dos finlandeses, foi assinado um acordo de paz em 12 de março de 1940, em que os marcos territoriais pleiteados pela URSS foram quase que inteiramente reconhecidos. Desse modo desapareceu o governo Kuusinen.

não é de modo algum uma duvidosa reforma econômica (ou revolução?) introduzida de cima para baixo, com a intenção de dar todo o poder à burocracia e a respeito da qual ainda não sabemos exatamente em que consiste. Ao que parece, essa reforma limitou-se a uma divisão da grande propriedade territorial sem ser acompanhada da nacionalização do solo e da nacionalização dos bancos e de algumas indústrias básicas num país atrasado e miserável. As indústrias leve e pequena permaneceram na base da propriedade privada capitalista. Para isso, sacrificaram-se enormes possibilidades revolucionárias que a derrota militar e a bancarrota política da classe dirigente polonesa abriram para o país. Stalin esmagou na casca do ovo uma situação revolucionária clássica cujas possibilidades de vitória não eram negligenciáveis. O país oprimido encontrava-se sem o seu governo, odiado pelo povo. Varsóvia resistiu ao exército alemão por seus próprios meios. O sítio de Varsóvia criou as condições para o surto de uma nova Comuna. O vendaval revolucionário conquistaria fatalmente o campo, sobretudo a leste, do lado da URSS. Logo após o anúncio da entrada do Exército Vermelho, os camponeses tomaram essa notícia ao pé da letra: na crença de que o Exército Vermelho era realmente “vermelho” eles iniciaram, sem esperar ordens, a expropriação, por seus próprios meios, de seus inimigos de classe hereditários: os grandes proprietários territoriais. O Exército Vermelho chegou tão-somente para canalizar a expropriação, a revolução, nos modelos burocráticos, retomando-a das mãos do povo, expulsando-o, fuzilando seus representantes mais corajosos e independentes. Aqueles que na Polônia haviam depositado suas esperanças na Rússia de Stalin tiveram de pagar um preço muito alto.

Os embriões de soviets formados espontaneamente em Vilna foram destruídos pelo ferro do Exército Vermelho, em benefício da burguesia lituana.

Pode-se comparar o estado de espírito que se formou nas massas com a notícia da chegada do Exército Vermelho ao dos operários da França, na ocasião em que o primeiro governo da Frente Popular chegou ao poder. O proletariado, tirando a única conclusão possível do acontecimento, disse a si próprio: É isso, é nosso governo, facilitemo-los a tarefa, tornando-nos donos das usinas e das fábricas. Entretanto, o aprofundamento da revolução na Polônia, acabaria, fatalmente, numa guerra entre a Alemanha e a Rússia, país dos soviets. Isso seria o começo da primeira vaga revolucionária provocada pela guerra. E seria, também, a única

possibilidade de cortar, rapidamente, o curso da guerra, impedindo seu desenvolvimento, pela única via da paz verdadeira, a paz pela revolução. O papel do Exército Vermelho foi, na Polônia, reacionário do começo ao fim, contra-revolucionário.

Situação semelhante pode apresentar-se amanhã, novamente, na Finlândia. Torna-se, portanto, impossível apelar para os operários russos para apoiar o banditismo da autocracia burocrática. Seria também tão criminoso apelar para os operários finlandeses para apoiar seu governo burguês reacionário quanto convidá-los para serem os “melhores soldados” do Exército Vermelho através da sabotagem militar, fazendo saltar as pontes, desorganizar as defesas do exército finlandês com o único objetivo de entregar o país inteiro ao sátrapa satisfeito de Kremlin. A política derrotista nos dois campos é a única capaz de auxiliar e acelerar o processo revolucionário em caso de derrota, de um ou outro lado.

7. A definição da URSS como “um estado operário degenerado” não nos dispensa da necessidade de examinar, em cada caso concreto, o papel que ela deverá desempenhar nesta guerra. De sua definição como “estado operário” não se pode deduzir a necessidade absoluta de sua defesa, seja qual for a condição em que a guerra foi conduzida. A história conhece casos em que a burguesia, as classes dirigentes foram derrotistas em seus próprios países (na Rússia, durante a guerra russo-japonesa; nos Estados Unidos, na guerra contra o México, pelo sul escravagista etc.).

No caso da Rússia Soviética a atitude derrotista de parte de seu próprio proletariado seria ainda mais justificável. Pois, apesar de teoricamente ser classe dominante, ela não exerce nenhum controle nem assume qualquer responsabilidade pela política de seu Estado. Segundo Trotsky, o traço dominante desse estado é seu caráter dual: ele insiste sobre o fato de que essa dualidade em lugar de tender ao desaparecimento, cresce dia a dia. A lei burguesa do Estado que, no começo, só dominava no campo da distribuição, tende a invadir cada vez mais o campo decisivo da produção.

Os “frutos” sociais da propriedade estatizada exigem mesmo, para serem captados, violência e coerção da lei burguesa da distribuição contra... as massas trabalhadoras. Mas não é mais contra as tendências propriamente burguesas que a propriedade



estatizada é defendida. Ela é defendida somente contra as tendências pequeno-burguesas da miséria, ou as miseráveis tendências do indivíduo abandonado a si próprio, a saber, o pequeno burguês, pois a sociedade soviética da época staliniana é, como toda sociedade totalitária, uma sociedade atomizada. A supressão das classes não é o mesmo que o seu desaparecimento. Como quer por uma espécie de retorno ao passado distante, antes da existência da luta de classes organizada, a URSS se tornou campo de luta geral e cega de uns contra os outros e de todos contra o Estado. Uma sociedade não pode viver longamente sob tais condições. Os indivíduos, os cidadãos divididos, separados, tendem a reagrupar-se novamente, à base de seus interesses comuns. O proletariado vitorioso organizou seu estado para derrotar o inimigo hereditário, a burguesia. Uma vez exterminada esta, o proletariado, entretanto, não gozou dos frutos de sua vitória. Seu Estado voltou-se contra ele, expropriando-o, por sua vez, dos benefícios da vitória contra a burguesia. Perdeu seus meios específicos de defesa (os sindicatos), perdeu os meios de expressão consciente (o partido). Tornou-se atomizado como as outras classes, camponesas e burguesas. No Estado que ele mesmo criou, todos os seus meios próprios de defesa, de representação e expressão também estão dispersos, tão indiretos e camuflados, tão improvisados e espontâneos, tão ocultos ou ilegais como os dos outros grupamentos sociais. Em meio à miséria geral, a única diferença que o pode distinguir com um sinal qualquer de superioridade entre todos os demais segmentos sociais, aí se incluindo a burocracia totalitária, *é que ele é o único que pode encontrar nas relações sociais de propriedade ainda existentes, na propriedade estatizada, um caminho para o progresso e o futuro.*

Mas, na conjuntura política e econômica dada, tanto internacional como nacional essa é, antes, uma vantagem teórica. Pois, no impasse totalitário da sociedade soviética sob Stalin, o desenvolvimento tende a acompanhar a linha de menor resistência. Nas condições atuais da Rússia, ninguém pode afirmar que a saída mais fácil seja a da manutenção integral da propriedade coletiva e da economia estatizada. A via do proletariado, sendo a única progressista, pode ser, ainda neste caso, a mais difícil e radical. (Não nos esqueçamos de que, diferentemente do capitalismo, o processo de construção do socialismo é consciente, ou seja, voluntário, político.) Em todo o caso, a via da restauração política do proletariado não é a frio; é revolucionária. Ao contrário, a via

da contra-revolução, em marcha há muito tempo, assinalada, vez por outra, por abalos violentos, por uma espécie de guerra civil espasmódica, pode, *com a guerra*, concluir-se pela via fria. A guerra, sem revolução vitoriosa, será fatal ao proletariado russo, mesmo com a vitória militar da clique bonapartista dirigente. O canal mais importante da contra-revolução é a própria burocracia.

Por que então esse proletariado, ainda que considerado classe dominante, não pode ser derrotista em seu Estado? Além de tudo, uma atitude derrotista é a natural conseqüência da falta de coesão nacional de um determinado regime social ou político. Pode-se conceber uma sólida coesão nacional em uma sociedade atomizada, totalitária?

8. Mas não se trata de uma questão teórica; mas, antes, trata-se de política prática que deve ser determinada em função da perspectivas imediatas: qual é a melhor tática, nas atuais condições, a defensiva ou a derrotista?

Sob a tensão e na atmosfera da guerra, o ritmo dos processos históricos torna-se cada vez mais acelerado. Na URSS o perigo emana do fato de que o processo da contra-revolução pode vencer, em velocidade, o da revolução. A política da defesa incondicional pode desacelerar ainda mais este, que já está atrasado. À falta de órgãos conscientes ou semiconscientes de expressão, os grupamentos sociais de uma sociedade atomizada manifestam-se através de toda sorte de canais ou de meios aleatórios que encontram em seu caminho. Ou improvisando-os. Na sociedade totalitária todos os caminhos levam ao Estado. Com a guerra, todos, grupos ou indivíduos, que acreditam estar a saída na ampliação parcial ou total da propriedade privada e na acumulação individualista, vão se encontrar juntos, numa ampla frente única. O proletariado já em retirada em toda a linha poderia ficar isolado na barganha. A vanguarda revolucionária não deve amarrar as próprias mãos antecipadamente, *a priori*, por uma tática defensiva, isto é, de lealdade para com a burocracia. Não ajudaríamos com essa política, em certo sentido a preparação passiva, no tempo devido, dos fatores subjetivos necessários à ação, quando a oportunidade se apresentar.

Não devemos perder de vista o sentido profundo da luta do proletariado russo: ele quer defender a propriedade estatizada contra todos os inimigos, externos ou internos. Mas a guerra, precisamente, é o meio mais rápido e o mais seguro para a

demolição dessa propriedade. Não queremos dizer com isso que a ameaça mais imediata e perigosa vem da invasão de um exército estrangeiro, mas, pelo menos na fase atual da guerra, o principal perigo encontra-se aí.

Sendo a construção do socialismo, antes de tudo, um processo consciente, isto quer dizer que as relações econômicas, por si sós, não decidem: não há, a partir da propriedade estatizada, uma evolução orgânica para o socialismo. É preciso haver o domínio político do proletariado, seu controle ativo através de seus órgãos específicos, partidos, sindicatos, sovietes etc. É, pois, preciso que o proletariado esteja em condições de dirigir, de utilizar real e efetivamente o processo econômico fundado na propriedade coletivizada. Esta, por si só, sobretudo num país isolado e atrasado, nas condições de refluxo geral do proletariado mundial, nas condições em que o proletariado nacional foi expropriado dos frutos de sua vitória sobre a burguesia por uma burocracia usurpadora, não passa de um fator secundário em face do fator subjetivo, consciente — o poder político. Se, pois, para conferir à propriedade estatizada todas as possibilidades de um desenvolvimento socialista, o proletariado deve defendê-la contra a burocracia, arrancá-la de suas mãos, não se pode excluir, por uma afirmação de princípio (a saber: a Rússia é um estado operário degenerado), a necessidade, em certos casos concretos, segundo o caráter ou o papel histórico da guerra, para a qual a burocracia deseja arrastar todo o país, de uma tática derrotista da parte da classe operária.

9. Como na economia, o Estado Soviético está dilacerado pelas mesmas antinomias irredutíveis. O processo inerente a todo Estado deixado a si próprio, de se colocar acima das classes, acima da sociedade, pôde, na Rússia, graças a circunstâncias históricas excepcionais e possivelmente pela primeira vez na história, desenvolver-se até o fim. Esta façanha no processo foi possível porque o proletariado, classe dominante, foi muito fraco para exercer seu controle sobre a burocracia, encarnação do Estado. A burocracia identificou-se com o Estado. Nessa identificação, ela atingiu um desenvolvimento absoluto, como burocracia; isso significa que ela chegou também ao ápice de seu processo de desenvolvimento e que não pode, doravante, deixar de ser ela própria, ou seja, transformar-se ou desaparecer. Ao possuir o Estado como sua propriedade privada, o ápice do processo de

introversão foi atingido: de serva, transformou-se em senhora do Estado.

Pelo mesmo processo de evolução, de realização de sua natureza absoluta, o Estado, totalmente burocratizado, coloca-se acima da sociedade, tornando-se, por isso mesmo, associal ou anti-social. Por não reconhecer seu senhor, a classe dominante (o proletariado), ele (o Estado) proclama a sociedade sem classes, torna-se a sociedade total, a providência totalitária, o socialismo. Nesse estado de hiper crescimento, ele se coloca em oposição a toda a sociedade, sufoca, esmaga o conjunto dos grupamentos sociais, das classes de que desconhece a existência, proclamando seu desaparecimento. A vida da sociedade é ameaçada por essa excrescência, por essa invasão incessante e crescente do Estado que alcançou uma espécie de elefantíase social.

Para devolver à sociedade o equilíbrio perdido, explode a guerra entre o Estado-Frankenstein e a sociedade em bloco. Enquanto a luta de classes organizada (violência não mais arbitrária e unilateral, mas organizada e contrabalançada por outras forças) — motor da história — não estiver ali para restabelecer o equilíbrio vital da sociedade e seu dinamismo, até que as classes desapareçam por si próprias, aproximando-se de uma sociedade socialista verdadeira, o Estado Burocrático continuará a inchar-se e a exaurir as fontes vitais do organismo social. É preciso, então, derribar-lo, para que o processo *normal* da luta de classe retome sua marcha para frente, preserve suas funções dinâmicas e o coloque no seu leito natural, nos seus quadros-limites, em suas verdadeiras funções de servidor das classes dominantes, o instrumento por excelência da história. Ele será mantido nesses limites e reprimido em suas tendências associas inatas pelo jogo da luta de classes, pela ação defensiva das outras classes não-dominantes. Esta será a tarefa da democracia proletária restaurada, ou seja, da ditadura do proletariado.

Na base da estatização e da planificação da economia, ao estender seu poder discricionário sobre toda a vida econômica da sociedade, o Estado reconquistou liberdade plena; ele se tornou aquilo que Engels, em uma carta a Bebel, ao criticar o projeto do Programa de Gotha, definia como sendo o “Estado livre”: “Um Estado que é livre em face de seus concidadãos, conseqüentemente, um Estado com um governo despótico.” A Urss atual nos daria uma imagem aproximada desse Estado livre burocratizado. Mas tal Estado não tem futuro, não tem possibilidade de sobreviver.

Em todo caso, parece que não vamos sair das tradições do marxismo se colocarmos em dúvida a justeza teórica da fórmula do *Estado operário degenerado* para admitir a hipótese, sob condições excepcionais e passageiras, como fenômeno temporário, de uma certa deformação teratológica do conceito marxista de Estado, como a de um *Estado livre burocratizado*.

De qualquer modo, nenhuma análise teórica esgota a questão da natureza do Estado soviético. A análise de ontem não é mais suficiente para a situação tal como ela se apresenta hoje. Engels falou de “um Estado livre frente a seus concidadãos”; Marx, a propósito da burocracia de Luís Bonaparte, falou de uma “classe artificial”; Lenin, a propósito do próprio Estado soviético criticou a expressão “Estado operário” como inexata, porque, em sua opinião, o Estado russo era “operário... e camponês”, ou, antes, detalhava, um Estado burocrático dominado pelo proletariado. E, finalmente, Trotsky, ao caracterizar a burocracia staliniana, reconheceu que ela era “algo mais que uma simples burocracia”. E, ainda recentemente, afirmava: “A burocracia soviética reuniu em torno de si, presentemente, em certo sentido, os traços de todas as classes derrubadas, mas sem possuir as suas raízes sociais nem suas tradições.”<sup>16</sup> Fenômeno novo e único na história, o Estado soviético degenerado, ou o Estado livre, é um processo extremamente transitório. Pretender enquadrá-lo em uma fórmula já sem exatidão científica — Estado operário degenerado — não resolve nosso problema prático.

Mas, por outro lado, para saber se devemos recusar-nos a defendê-lo num caso concreto (nesta guerra), não temos mais necessidade de proclamar que uma *nova classe dominante* tomou o lugar do proletariado na URSS. As perspectivas históricas, o desenvolvimento dos acontecimentos, somente eles, poderão resolver o problema. O que podemos e devemos tentar é sopesar estas perspectivas, procurando analisar e prever o sentido das tendências do desenvolvimento. São estas tendências que nos poderão fornecer a melhor resposta à questão da natureza social da burocracia. De nossa parte, acreditamos que a burocracia não tem futuro, que seu futuro imediato *não se encontra no sentido do*

---

<sup>16</sup> TROTSKY, L. Les défaitistes totalitaires, *La Quatrième Internationale*, Paris, n. 14/15, nov./dez. 1938. (N. do A.).

*curso histórico, mas, ao contrário, no sentido inverso, para o declínio irremediável.* (Sobre o que fundamos esta convicção, procuraremos explicar mais adiante.)

Ora, de todos os instrumentos de produção, disse o jovem Marx, o mais importante é uma nova classe social. Sob este aspecto, pelo menos, é difícil conciliar a concepção de Marx com a realidade da burocracia staliniana. De acordo com o critério vivo e dialético do jovem Marx, a burocracia soviética, como classe, não passa no exame da história. Essa classe que se esgota em menos de uma geração, levando a sociedade que ela conduz diretamente ao impasse e à ruína, seria antes um aborto de classe.

10. Deixemos de lado, pois, no momento, o debate puramente teórico sobre a natureza do Estado soviético; limitemo-nos à análise das perspectivas práticas. Aí está a resposta. Isto é tanto mais verdadeiro quanto à constatação de que a política externa da URSS não decorre necessariamente do que nos resta para ser defendido na Rússia: a propriedade estatizada e a economia planificada. É mesmo tudo ao contrário.

Do mesmo modo com a política externa toma um caráter cada vez mais conscientemente hostil aos interesses da revolução mundial, a política interna da fração burocrática no poder toma o caráter cada vez mais antagônico com a estrutura econômica coletivizada.

Há anos que a burocracia leva uma ofensiva sistemática contra o proletariado soviético. Se atentarmos para os últimos anos, sob o ângulo da atual política stalinista (iluminada pelo pacto com Hitler), compreenderemos melhor o sentido da luta de extermínio contra a velha geração dos bolcheviques e os representantes revolucionários ou independentes das novas gerações. Como diz nosso programa de transição, esse extermínio geral “destruiu ainda mais o equilíbrio político em favor da ala direita, burguesa, da burocracia e de seus aliados dentro do país”. Aliás, foi nesse sentido que o camarada Trotsky interpretou a hipótese de uma aliança russo-alemã. Com efeito, diante da Comissão de Inquérito<sup>17</sup>,

---

<sup>17</sup> Pedrosa referia-se à chamada Comissão Dewey, constituída na Cidade do México por Trotsky e seus seguidores em março de 1937 com a finalidade de investigar e examinar o material e os testemunhos concernentes aos chamados Processos de Moscou. Presidida pelo célebre filósofo e pedagogo

tentando sopesar as possibilidades de tal aliança, ele acreditava que se ela se concretizasse, seria contra a vontade do próprio Stalin. Ele pensava que ela seria, sobretudo, a obra de uma parte da burocracia que desejava “assegurar-se posições a qualquer preço, mesmo ao preço de uma aliança ou de uma amizade com Hitler”. Trotsky supunha que Stalin não estivesse de todo inclinado a seguir por esse caminho. Sua interpretação parecia ser a de que uma aliança como essa seria o resultado de uma luta vitoriosa de parte da burocracia contra a vontade do “pai dos povos”. Essa fração seria composta “de uma larga camada da burocracia alta e média”. A derrubada de Litvinov se coloca, como se compreende bem atualmente, na mesma linha. Finalmente, toda essa luta no interior da burocracia acabou por levar à vitória atual da política da “direita” fascista, da ala de Boutenko<sup>18</sup>: a aliança com Hitler é a expressão desse triunfo. Stalin alinhou-se ao programa da direita.

Por quê? Porque Stalin procura uma nova base de apoio ao seu regime vacilante. O país do socialismo debate-se numa crise geral de subprodução. A crise de subprodução é crônica na indústria leve e nos artigos de consumo. A usura terrível do capital de base tornou-se aguda desde 1937. A impossibilidade de renová-lo somente com recursos nacionais agravou-se devido às crescentes necessidades da máquina militar em pé de guerra. Stalin está tentando encontrar na potência industrial e na alta capacidade técnica alemãs os meios de renovar seus capitais da indústria de base, ou pelo menos de atenuar as desproporções, cada vez mais

---

norte-americano John Dewey (1859-1952), contou com a participação da norte-americana Suzanne La Follette (1893-1983), do anarco-sindicalista italiano Carlo Tresca (1879-1943), do sociólogo alemão Benjamin Stolberg (1891-1951), do advogado norte-americano John Finerty (1891-1967), do pedagogo alemão Otto Rühle (1874-1943), do jornalista nicaraguense radicado no México, Francisco Zamora (1906-1986), do marinheiro alemão Wendelin Thomas (1884-?), do sindicalista revolucionário francês Alfred Rosmer (1877-1964) e do professor e jornalista norte-americano Carleton Beals (1893-1979). Através da documentação e dos depoimentos apresentados na Comissão, esta concluiu que os Processos de Moscou não passavam de maquinações e que Trotsky era inocente dos crimes que lhe eram imputados.

<sup>18</sup> Fedor Boutenko (1906-?), diplomata soviético na Rumênia, desapareceu em fevereiro de 1938, reaparecendo em março na Itália. No dia 17 deste mês publicou um violento ataque contra a URSS, de um ponto de vista de direita.

alarmantes, dos diversos setores da economia soviética. Em compensação, ele promete abastecer a Alemanha com matérias-primas, em produtos alimentícios, mesmo ao risco de reintroduzir a fome no país, a menos que ele não prefira compartilhar com Hitler uma política de banditismo para a conquista de colônias. (Que não se lancem altos brados de piedosa indignação pelo fato de ousarmos supor o *Estado operário degenerado* capaz de banditismo imperialista. Lembremo-nos de que foi o camarada Crux<sup>19</sup> em pessoa o primeiro a crer a burocracia capaz “de todos os crimes imagináveis”, incluindo o de “emprender uma política imperialista”, ou seja, de ficar com um pedaço da China pelos serviços prestados a Chiang-Kai-Chek.<sup>20</sup>

Stalin está obrigado a engajar-se cada vez mais profundamente numa política que procura *a saída do impasse não somente no interior do país, mas no exterior*. No interior, os recursos nacionais não mais são suficientes ou não são mais tão acessíveis quanto em 1928-1929. Desta vez, ele não poderá escorchar o campesinato como naquela época; não poderá mais se lançar na mesma cavalgada anticamponesa de acumulação primitiva como o fez nos primeiros anos do plano quinquenal. Ele não contará com o apoio dos operários, cujo entusiasmo, devotamento e confiança baixaram, desde então, catastroficamente. Rakovski previra essa crise geral de subprodução, de modo magistral, em seus estudos sobre os problemas da economia soviética, em 1930.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Pseudônimo utilizado por Trotsky.

<sup>20</sup> Discussion on the Chinese Question. *Internal Bulletin*, New York, n. 3, dez. 1937. (N. do A.). Este texto reproduziu uma discussão sobre a questão chinesa, ocorrida em 11 de agosto de 1937, e da qual tomaram parte Trotsky e alguns de seus correligionários.

<sup>21</sup> RAKOVSKI, K. G. Problemas da economia da Urss. *La Lutte de Classes*, Paris, n. 36, 15 mai. 1932 (N. do A.). Kristian Georgievitch Rakovski (1873-1941), médico e diplomata. Revolucionário internacional nascido na Bulgária, amigo de Trotsky, protetor dos marinheiros do encouraçado Potenkim e líder socialista rumeno, membro da direção da 2ª Internacional e organizador da Conferência de Zimmerwald. Chefe do governo ucraniano após a Revolução Russa. Exilado na diplomacia por Stalin, voltou à Urss em 1927. Deportado e condenado, foi o maior expoente da Oposição de Esquerda na União Soviética após a expulsão de Trotsky do país. Fuzilado com mordaca em um “gulag”, seu corpo foi retalhado e atirado aos lobos. O texto de Rakovski *Problemas da Economia da Urss*,



O acordo comercial russo-alemão é a expressão mais convincente da necessidade em que Stalin se encontra, de buscar uma saída para a crise geral fora da Rússia. Sob os golpes da necessidade está sendo formada uma “parceria” entre a economia camponesa (a aristocracia kolkosiana) e a indústria alemã, ou seja, na linguagem antiga, mais precisa, entre “o kulak e o capitalismo mundial”. Como escrevia Trotsky, “de nada valeu fazer a Revolução de Outubro para isso” (*A Revolução Traída*).

A exploração intensiva dos recursos nacionais e da capacidade de trabalho das massas trabalhadoras da URSS, pedras angulares da primeira etapa da industrialização, ao assegurar o desenvolvimento das forças produtivas da economia soviética, salvou, durante algum tempo, as bases econômicas da Revolução de Outubro. Mas nós estamos agora diante de um novo ciclo de reprodução. As notas promissórias da primeira industrialização acabam de vencer. Todo o capital então acumulado precisa ser renovado. No fundo, trata-se de achar as bases de uma nova acumulação. Na base dos dois primeiros planos quinquenais, a burocracia esgotou seu papel progressista, de burocracia *operária*. Ela conseguiu, na ocasião, “salvar” os fundamentos econômicos do Estado operário, mas ao preço de destronar definitivamente o proletariado. Com a planificação econômica, ela fez dos meios de produção e da renda nacional seu monopólio exclusivo. Desde então, ela mantém, no conjunto do processo econômico, a mesma posição que os grandes magnatas imperialistas nos grandes setores monopolizados do capitalismo; também estes não têm necessidade de ser os proprietários nominais da maioria dos títulos e das ações dos grandes trustes e sociedades anônimas para deles dispor a seu talante e segundo suas conveniências. Por manterem as alavancas de comando da produção e do crédito, dispõem da propriedade dos outros, dos pequenos acionistas, das pequenas rendas e das pequenas economias da gente miúda, como se deles fossem.

A burocracia começa a compreender que ela não poderá repetir a mesma história da primeira industrialização. Atualmente,

---

escrito em julho-agosto de 1930, só foi publicado no Ocidente em dezembro de 1931, no *Boletim da Oposição*, n. 25/26, em russo. Foi republicado em *La Lutte de Classes*.

ela tem muito mais a perder. Ela quer tirar o país da crise, mas em seu exclusivo proveito, e não apenas como uma simples burocracia operária como ela era essencialmente em 1928-1929. É nisto que se mede a diferença do plano histórico entre as duas épocas.

Para superar a crise e consolidar suas posições de modo definitivo a burocracia hesita entre dois métodos, o da paz e o da guerra. Stalin encontra-se agora metade na guerra e metade fora dela. Mas ele não tem escolha. Ele preferiria muito mais a paz, a paz ditada por Hitler, por que assim teria esperanças de não somente conservar o que já ganhou, como de receber uma parte do botim sem correr o risco muito perigoso de uma guerra verdadeira. E, depois, com a paz, a “colaboração” econômica russo-alemã poderia encontrar a via de um pleno desenvolvimento. Este significaria, entretanto, na realidade, a colonização “pacífica” da Rússia pela Alemanha. Porém, mesmo essa perspectiva... de paz é cada vez mais problemática. Stalin tem medo da guerra, mas ele está tentado. Ele brinca de guerra e, portanto, na realidade, seu jogo não pode impedir a guerra. Esta poderá ser fatal à estrutura econômica soviética ao abrir uma saída histórica para a burocracia ou pelo menos para a oligarquia dirigente. Entretanto, no terreno econômico, ela não teria conseqüências muito diferentes das resultantes de uma paz imediata com o triunfo de Hitler. Ela seria o fim do monopólio do comércio exterior como barreira contra a indústria estrangeira, isto é, alemã. O plano econômico, já superado devido às necessidades imediatas da mobilização e da anexação de novos territórios, seria posto de lado definitivamente para que toda a economia nacional pudesse ser adaptada às necessidades da guerra e da cooperação com a economia alemã. O impulso das forças centrífugas da economia e da acumulação primitiva dos setores mais fundamentais da vida econômica do país (agricultura, indústria leve e de consumo, produção artesanal já em vias de descentralização legal etc.) romperá todas as barreiras jurídicas, acabando por ser sancionado pelo Estado. *De resto, isto vai ao encontro dos interesses “históricos” da burocracia.* É, também, o caminho do menor esforço. Agir de outra forma seria retornar ao proletariado, à revolução, à sua própria autodestruição.

A burocracia, principalmente a alta burocracia, alimenta a esperança de promover o crescimento das forças produtivas do país por meio de concessões progressivamente mais profundas na desnacionalização do solo e da indústria leve e artesanal. (Parece ser o regime adotado nos territórios recentemente anexados.) Ela

encontraria, então, nesse crescimento (temporário!) das forças produtivas, uma base mais sólida e *autônoma* em que se apoiar e sobreviver.

Sobre semelhante base seria mais fácil para a burocracia desenvolver plenamente tudo o que nela tem a tendência de transformar-se numa nova formação social independente. Ela está alvoroçada como uma galinha que procura um lugar cômodo para botar seu ovo. Ela quer encontrar uma base econômica e social própria, estável, sobre a qual possa desabrochar à vontade e assegurar-se, na história, um lugar permanente como *uma verdadeira classe social*: é exatamente o que ela procura na sua política de aventura no exterior.

Se ela conseguir, ou seja, se sua política de conquista de realizar com êxito ou se ela atravessar todo esse período de guerra sem derrotas e sem falir, então a velha questão de saber se ela já era, ou não era, uma nova classe social, terá sido resolvida pela afirmativa.

As teses do Programa de Transição sobre a URSS previram o deslocamento político que teria por base a política econômica que acabamos de expor. Eis o que elas dizem a respeito: “É de lá, isto é, da direita, que podemos esperar no próximo período tentativas cada vez mais decididas de reconstrução do regime social da URSS, reaproximando-se da ‘civilização ocidental’, antes de tudo, de sua forma fascista.”

É esse processo de restauração que temos sob nossas vistas, não apenas como perspectiva, mas já em seu começo.

11. Uma vez que o retorno à revolução está definitivamente bloqueado para a burocracia, não nos devemos deixar enganar pelos bizantinismos e pelas frases “esquerdistas” dos agentes de Stalin.

Graças à conjuntura internacional momentaneamente favorável, a burocracia staliniana adquiriu um comportamento mais independente no exterior do que ela não estava habituada há muito tempo. Isso se deve ao fato, surpreendente e imprevisível, de que a guerra interimperialista explodiu, sem que a Rússia se tenha visto envolvida desde o primeiro tiro, desde o primeiro dia. Abrigada atrás da Alemanha, ou seja, o adversário que ela mais temia, a burocracia readquiriu um pouco de coragem e Moscou macaqueia Berlim no seu modo de tratar os pequenos vizinhos e de despedir seus raios. É isso que lhe permite esquerdizar

novamente seu vocabulário, de lambuzar com algum rouge o seu rosto horrível. Isso não tem nenhuma importância. De um lado, trata-se de amedrontar os outros; de outro, de salvar o que resta por salvar do Comintern nos países democráticos do Ocidente em guerra com a Alemanha ou hostis à aliança russo-alemã, para utilizá-la contra os imperialismos anglo-francês e norte-americano. Com essa manobra, a burocracia de desembarca da ideologia equívoca do antifascismo, fazendo, atrás, de frases esquerdistas, a reviravolta decisiva para a aproximação e a aliança com o imperialismo nazi, branqueado por Molotov como campo da paz, aquele que se vê forçada a defender. Quanto ao manifesto da Internacional Comunista, não passa de um comentário menos responsável da voz de Molotov, feito para um dia de festa; é uma saudação de aniversário.<sup>22</sup>

No interior como no exterior, há muito tempo que o papel progressista da burocracia stalinista se esgotou. No interior, a burocracia “de guardiã da propriedade socialista tornou-se seu principal destruidor”.<sup>23</sup> No exterior, seu papel é, há muito, o de freio mais poderoso da revolução. A continuidade de Stalin, na guerra ou na paz, é a colonização e o desmembramento da URSS ou o fascismo. Sua vitória na guerra é o fascismo na Rússia como no mundo. A bandeira da suástica<sup>24</sup> também é “vermelha”. A vitória de Stalin aliado a Hitler *transformaria a burocracia em uma nova classe depois de um processo de nacionalização de que a própria burocracia seria o objeto*. Nós não temos motivo algum para ajudar direta ou indiretamente a vitória de um campo imperialista qualquer. A vitória de qualquer um dos bandidos seria o triunfo da contra-revolução fascista, se pudermos imaginar que esta guerra terminasse sem a intervenção revolucionária das massas.

<sup>22</sup> Pedrosa refere-se ao manifesto do Comitê Executivo da Internacional Comunista comemorativo do 22º aniversário da Revolução Russa, datado de 11 de novembro de 1939.

<sup>23</sup> Teses da Primeira Conferência Internacional, em 1936. (N. do A.). Em função de mobilizações e greves na Espanha, na França e na Bélgica, os trotskistas avaliavam que, em razão de indicações do início de *um novo fluxo revolucionário*, impunha-se a necessidade da imediata fundação da 4ª Internacional. No entanto, durante a conferência, que Pedrosa aqui chama de Primeira Conferência Internacional, realizada em Paris, de 29 a 31 de julho de 1936, decidiu-se apenas a constituição do Movimento pela 4ª Internacional, que acabaria fundada somente em 1938.

<sup>24</sup> No original Pedrosa grafou “swastika”, em alemão.

12. Em vista de tudo o que precede, acreditamos ser a fórmula da “defesa incondicional da URSS contra um ataque imperialista” insuficiente, pois ela pode arrastar a Internacional a um impasse (Polônia!). Numa guerra isolada entre a URSS e uma potência imperialista qualquer, nós defenderemos a primeira, do mesmo modo como defendemos a China contra o Japão ou Porto Rico ou El Salvador contra os Estados Unidos. Seria também o caso para defesa na eventualidade de um ataque de Hitler contra as novas fronteiras da URSS, pois se trataria, então, de uma guerra de caráter diferente daquele da guerra atual. A recompensa principal da guerra teria mudado, então. Mas isso, no momento, é mera especulação.

No caso de uma guerra mista, a tática defensiva deve depender do caráter da guerra, de seu papel histórico, das perspectivas de revolução que dela decorrem, ou do grau de ameaça que pesa contra a estrutura econômica da URSS. É preciso, pois, evitar traçar adiantadamente a tática a seguir de uma vez por todas: é preferível fazê-la em cada caso concreto. Na guerra atual, a participação do Exército Vermelho na Polônia nos impôs uma atitude derrotista contra as forças armadas soviéticas. Não repetiremos as razões para essa tática. Outras operações de caráter semelhante, em que o papel de Stalin seja claramente reacionário (ataque contra a Finlândia, invasão de outros territórios) não mais podem ser apoiados pela 4ª Internacional. Seria fazer o jogo de Stalin-Hitler em seus fins imperialistas ou de conquista, contra-revolucionariamente em qualquer caso, ainda que sua intenção fosse a de destruir o Império britânico, pois isso se faria em seu proveito, com o sacrifício da revolução nacional dos povos coloniais. Não podemos confiar essa alta missão histórica ao bando Hitler-Stalin. No final de uma guerra semelhante, terminada com uma vitória que nós teríamos ajudado a ganhar, correríamos o risco de encontrar no Kremlin um monarca, com ou sem coroa, rodeado por um coro de compradores de bens nacionais e desnacionalizados.

Entretanto a guerra pode ainda mudar de caráter e, com isso, seus objetivos principais e imediatos; não é, pois, impossível que tenhamos de modificar de novo nossa tática em relação à URSS. É por isso que não cremos poder-se excluir a tática derrotista em toda guerra mista ou interimperialista, tendo a URSS como um dos países beligerantes.

A objeção segundo a qual não se pode mudar de tática durante o decurso da uma guerra não tem valor ou, pelo menos, não está de acordo com nossas tradições marxistas. Marx e Engels,

e os socialistas da anteguerra, em geral, mudaram sua tática no passado, acompanhando as mudanças advindas no caráter ou no papel de uma única e mesma guerra. O exemplo mais conhecido é o da guerra franco-prussiana, quando nossos velhos mestres começaram por apoiar a causa da Alemanha, mas acabaram por rejeitá-la. A guerra dos povos balcânicos começara como uma guerra progressista contra a dominação dos turcos, mas, devido à sua duração histórica, por assim dizer ininterrupta, ela acabou por transformar-se em um simples combate do posto avançado do grande conflito geral das grandes potências. Esses exemplos são suficientes.

*O objetivo desta guerra não é o de restaurar a propriedade privada capitalista na URSS; o que está em jogo é a supremacia inglesa no mundo colonial. A recompensa histórica é o império britânico; o de que se trata é saber quem deverá aproveitar-se de sua derrocada: as massas coloniais ou o imperialismo, seja ele fascista ou democrático, o de Hitler e seus aliados, incluindo-se Stalin, do Mikado ou de Wall Street, ou mesmo, no final, novamente, dos burgueses da City de Londres. Eis porque a entrada da URSS nesse conflito não muda nada, nem de seu caráter, nem de seu papel. Será provavelmente o papel histórico da URSS que se modificará.*

Queremos sublinhar que estamos nos limitando a tratar da guerra tal como ela se desenvolve atualmente. Acreditamos ser preciso esperar por outra conjuntura, outras circunstâncias e acontecimentos, pela entrada de outras grandes potências para que se nos mostre a necessidade de analisar novamente a situação a fim de decidir se há motivo para mudar a tática derrotista que devemos adotar nas condições atuais.

É provável, é quase certo que o conflito se generalizará pela entrada de todas as outras potências imperialistas. A recompensa imediata da guerra também se ampliará. Ela não será mais, ou apenas, o monopólio colonial anglo-francês — disputado pela Alemanha e seus cúmplices —, mas uma luta de todos os bandidos imperialistas uns contra os outros, pelo domínio literal de todo o mundo. Nossa tática derrotista seria então mais justificada do que nunca.

Mas é possível que, ao ampliar-se o conflito, acabe por adquirir outro curso, sob o aspecto de uma luta de todos os bandidos imperialistas, ou de uma parte deles, contra o que ainda resta do país dos soviéticos. Neste caso, ainda que o Estado soviético, para defender-se contra uma coalizão imperialista (por exemplo,

os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e todas as democracias do mundo) ficasse em aliança com a Alemanha de Hitler, esta aliança, obrigada, por sua vez, pela relação de forças ou outros motivos, a confinar-se em seu território europeu, encerrada como uma besta feroz em sua jaula, nossa tática deveria de novo mudar-se em proveito da URSS, bem entendido, sob a condição de que durante todo esse período seu regime social e econômico permaneça como ele é atualmente. (O que não é muito provável, confessemos-lo, a não ser por uma revolução.) Hitler seria novamente um companheiro de luta momentâneo. Mas estamos muito distantes dessa situação: infelizmente, durante todos esses longos anos de reação stalinista, a contradição fundamental entre a URSS e o mundo imperialista veio se atenuando, em lugar de aprofundar-se, contrariamente às perspectivas de nossas teses sobre a guerra.

Mas, deixemos de brincar de adivinhar o futuro. É impossível visualizar todas as variantes possíveis ou prováveis da conflagração: a vida é por demais rica em surpresas para ser encapsulada em quaisquer hipóteses elaboradas pelo espírito. O que é possível é deixar a porta aberta para qualquer reviravolta possível. É bastante para nós saber que o caráter da guerra e seu papel histórico podem mudar de hoje para amanhã. Lenin reconheceu que até uma guerra imperialista pode ser transformada numa guerra nacional. “Não é o caso de declarar impossível tal transformação”, dizia ele, e indicava uma série de condições que tornariam possível tal transformação. A marcha da contra-revolução nessa vintena de anos passados, desde que Lenin escreveu essas linhas, fez progressos espantosos e inesperados: a maior parte das condições enumeradas por Lenin tornou-se desde então triste realidade. Hoje em dia é claro que as guerras nacionais poderão estar na ordem do dia, amanhã, na Europa, como resultado imediato da atual conflagração mundial.

Não há, pois, nada de extravagante, nem teórica nem politicamente, sustentar, por analogia, que no decurso da mesma guerra nos é permitido retornar de uma tática derrotista para uma tática defensivista. (Tanto mais que esta última tática não pode ser concebida, atualmente, senão em favor da URSS.) Lenin, ao contrário, ao fazer a crítica de certos elementos da esquerda por suas respostas “insuficientemente concretas” à questão da defesa da pátria, gostava de grifar que sua tática derrotista não era uma tese geral, mas uma prática para a guerra de então. Ele afirmava

“que era teoricamente muito mais correto e incomparavelmente mais importante, de um ponto de vista prático, dizer que a defesa da pátria era uma mentira reacionária, *nessa* guerra [a palavra foi grifada pelo próprio Lênin] do que construir uma tese ‘geral’ de oposição a ‘toda’ defesa da pátria.”<sup>25</sup>

Se até uma questão tão decisiva, tão programática, tão “dogmática” quanto a do derrotismo revolucionário foi abordada por Lenin com um tal “pragmatismo” tático, por que devemos tomar uma atitude análoga em relação a um programa tão controvertido, tão pouco genérico e tão conjuntural quanto o da defesa da URSS nas condições históricas dadas?

É, pois, não somente possível, mas necessário, remover a posição defensivista em relação à URSS de sua dignidade programática. É necessário precisar as condições sob as quais devemos adotá-la ou rejeitá-la, em face desta guerra. Se se deve subordiná-la aos interesses da revolução mundial é obrigatório, antes de adotá-la, examinar, em cada ocasião, se ela não está em contradição com aqueles interesses. A Internacional deve ser investida do direito de a recusar hoje e a aconselhar amanhã, segundo o desenvolvimento da situação. O que importa é que a Internacional, em cada alteração decisiva, esteja em condições de a realizar em tempo e com bastante clareza para que a eficácia de nossa ação revolucionária e a firmeza de nossas fileiras sejam asseguradas.

Em cada dia sua própria tarefa.

LEBRUN

9 de novembro de 1939

---

<sup>25</sup> LENIN, V. I. On the slogan of “Disarmament”. *The New International*, New York, v. 1, n. 1, p. 50, ago. 1934. (N. do A.).



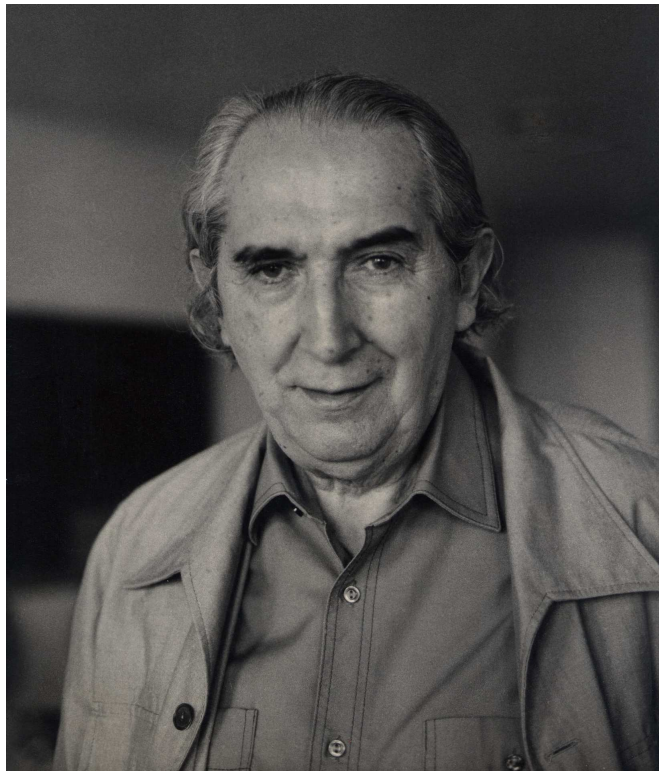
## **THE DEFENSE OF THE USSR IN THE PRESENT WAR**

### **ABSTRACT**

The author discusses the trotskyists' position about the Second World War and which characterization they must give to Soviet Union, by reason of the new world situation.

### **KEYWORDS**

Degenerated workers' state; Second World War; Fourth International



Mário Pedrosa, Lima, 1977. (Coleção particular de Aracy Amaral.)